

Virtutem ex me

Fortunam ex aliis

Para o Fernando Períoa.



na Cuta

OFICINAS GRÁFICAS

103, Rua das Gáveas, 107-Lisboa

palavras aos herejes

DO AUTOR

Sôbre um Decreto — 1917 (esgotado)

Um Lance — 1919 (esgotado)

Memórias de Ruy Pereira — 1920 (esgotado)

O Desfalque do Tesouro — 1925

Sôbre o Carôço — 1929 (esgotado)

A Maçonaria em Portugal — 1930

Conservas de Peixe — 1932

História da Velha Feia-Má — 1933

DA CUNHA DIAS

Palavras aos Herejes



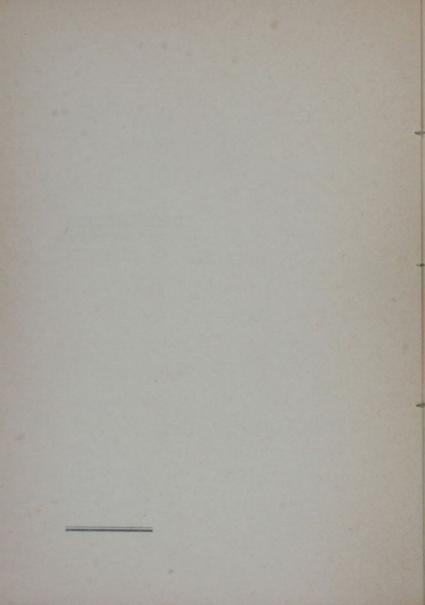
EDIÇÕES DELTA

—
L I S B O A

1 9 3 4

Propriedade do autor

DEDICATORIA



MEU LOPO

È STE livro é teu.

Há pouco, quando decidida a sua publicação, escolhia de uma pasta o que formará o seu original, lembrei-me do dia em que nasceste por uma manhã clara e soalheira como esta.

E era também uma segunda-feira.

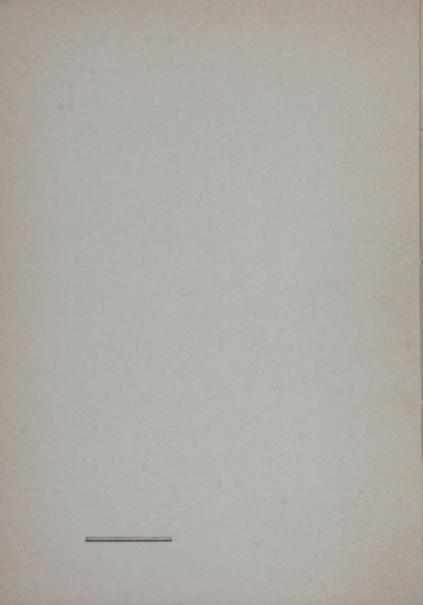
RECORDO o abraço estremoso de tua Mãe, que Deus tão cedo nos levou, e o primeiro beijo que te dei . . .

Fizeste hoje, esta manhã, os teus dez anos, meu Lopo!

FIQUE — irónico contraste das coisas da vida — esta página efémera, marcando no derivar do tempo fugaz, o que perdura porque é eterno: — o meu culto pela memória de tua Mãe e o meu amor por ti.

4 de Junho de 1934.

palavras aos herejes



DOS HOMENS, E DOS QUE O NÃO SÃO

SEMPRE que nesta nossa terra se encara o que resta fazer, esbarra-se num obstáculo quási insuperável — o homem.

Defeitos de educação, prejuízos morais e as consequentes incapacidade e incompetência, tornaram raro, em Portugal, êste elemento essencial para fazer o que quere que seja — o homem que o faça, o homem que sirva para qualquer coisa.

De maneira que resulta quási nunca serem coroados de êxito os vários esforços tentados para arrancar a grei do lameiro em que débil vegeta.

Reformas, projectos, intenções falham, sossobram por falta do competente, que organize, do homem enérgico, que execute, do homem de arreigada fé, que impulsione e arraste os outros.

E contudo, nesta hora que decorre, palpa-se, sente-se por todo êsse país o fremir latente do ressurgimento: por aqui e por além, disperso irrompe, balbucia hesitante um ancioso desejo de viver.

E são nossos ourives trabalhando as filigranas, batendo as pratas; ceramistas fazendo ressurgir as peças das nossas antigas fábricas, tão belas e tão decorativas... Constroi-se de preferência à portuguesa; estimam-se peças de mobiliário, joias, tecidos, que tenham carácter ou cunho nacional.

Palpita, estremece por todo éste nosso país um desejo latente de ressurgimento . . .

Mas faltam os homens: — faltam os organizadores, os competentes, os homens de acção. Faltam os homens de fé, que arranquem cada um da vil contemplação invejosa dos interêsses do visinho, e lhe mostrem o deslumbrante horisonte dum largo futuro, que também lhe pertence, porque é de nós todos.

É, ante as incertezas dêste findar de um cíclo da História, o único património seguro que poderemos legar a nossos Filhos.

9-III-29.

SOBRE O VALOR E

MAIS nociva para os interêsses nacionais do que a falsificação dos alimentos, que aí se pratica impunemente, tem sido a intencional e constante adulteração da opinião, sempre feita em prejuízo do merecimento e do valor.

Em Portugal um único sentimento colectivo, um único laço liga muitos, e são quási todos, contra alguns: a inveja às mais nobres qualidades — ao mérito e ao valor.

Mostrar merecimento, dar provas de valor, significa, em Portugal, concitar contra si a inveja dos muitos, que nada valem e nada merecem. Triunfam na vida, têm a consagração apoteótica dos seus contemporâneos, todos aqueles que nada fizeram, porque nada podiam fazer; todos aqueles que nada merecem pela decisiva razão, que outras exclue, de nenhum merecimento terem, todos aqueles que nada valem.

E, no passado e no presente, valer é crime, merecer prejuízo.

Em Portugal, o valor não se impõe, choca-se na inveja dos outros, e retorna, e opõe-se; o merecimento não conduz às dignidades, estimula como sôpro sôbre um brazeiro as invejas, e faúlha em ódios, em difamação, em calúnias. Foi deposto pela traição D. Sancho II; assassinado numa cilada D. Pedro, o regente; morreu envenenado D. João II; foi homisiado Duarte Pacheco; a Afonso de Albuquerque a glória dos seus triunfos mereceu-lhe a deposição; Camões viveu na mediocridade, D. Francisco Manuel na prisão . . . Ter alcançado a glória levou Mousinho ao suicídio.

E êstes como tantos; e hoje como ontem...

Desde a estátua na praça pública às honrarias do poder, aos encómios da opinião, tudo e todos, em Portugal, conspiram, pela palavra

e pela acção, contra o merecimento e contra o valor.

— Português, por Portugal, lugar para o mérito, honra ao valor!

11-111-29

SOBRE OS HOMENS E SUAS ESPÉCIES

Há três espécies de homens. Embora todos, mais ou menos, não importa, se pareçam, não são iguais, são parecidos; não são iguais, porque são diferentes.

Altos ou baixos, gordos ou magros, claros ou morenos, pálidos ou trigueiros, são parecidos, mas são diferentes.

Nem a côr dos olhos ou dos cabelos, nem a estatura, nem o aspecto influe. Eles são todos parecidos, mas de três espécies diferentes, porque há três espécies de homens.

E tôda esta tremenda crise nacional provém de a natureza quási só gerar, em Portugal, há uns tempos a esta parte, homens de uma espécie, com prejuízo das outras duas. Das três espécies de homens, que existem, só quási uma se cria, prolífera. Daí o desequilíbrio e sua consequência, esta grave, apavorante crise nacional.

Muito tempo atribuí, sem fundamento, a êste ou àquele facto a razão da nossa decadência, que abraça todos os ramos da actividade nacional, tôdas as manifestações da vida colectiva. E foi por um acaso que, ouvindo uma conferência sôbre educação física, se fez luz nas trevas do meu conhecimento.

Tratava o conferente de gimnástica sueca, e rematou a sua substanciosa e erudita exposição:

«A gimnástica sueca, meus senhores, procura dar ao bípede da espécie humana o sentimento do pêso do seu corpo.»

E considerei que existindo entre os homens os bípedes, aos quais a gimnástica sueca dava o sentimento do pêso do seu corpo, e tendo-me mostrado um ensinamento feito de experiência que, entre os humanos, abundavam os quadrúpedes, certamente — (non facit saltus natura) — deveriam também existir os trípedes. E de facto, com uma mais cuidada observação, constatei a sua numerosa e sàdia existência. De entre os homens podemos distinguir: — os que pensam e agem; os que se acomodam e medram; os que protestam e reagem. Isto é: — os bípedes, os trípedes, e os quadrúpedes. E tôda esta grave, angustiosa crise nacional provém de a natureza ter feito vingar, em prejuízo das outras espécies, quási exclusivamente uma só espécie de homens — os trípedes.

Em Portugal, raros pensam, poucos reagem, e muitos vivem, acomodando-se, comendo, digerindo.

E medram!

«A Voz»

CALIGULA E O SEU CAVALO

FICOU no registo da História, como símbolo lendário de louco desvario, um gesto de Calígula — fazer cônsul um cavalo.

E o que, no leviano julgamento do vulgo, passa por loucura, é um deliberado acto humano, consciente, natural.

Dos cimos do poder, as distâncias perdem a grandeza, como do alto das montanhas, na amplidão dos vastos horizontes, os pormenores se apagam e esbatem na mancha dos contôrnos...

No plano físico, do alto de um monte, dois homens, muitas vezes tão diferentes um do outro, são duas sombras iguais, que se movem na vastidão da planície; do cimo do poder, no plano mental, diluídas as pequenas diferenças, que muitas vezes os distinguem, são um homem e um cavalo dois animais.

Depois, premiar o merecimento, distinguindo a competência do reconhecido como capaz, é obedecer à opinião dos outros, e vergam ao sôpro débil da aragem os juncos flexíveis, cedem aos ventos os frágeis caniçais, mas os carvalhos robustos desafiam a fúria das tempestades.

Nomear o imbecil, eleger o incapaz é a pedra de toque da fôrça: — o que aos poderosos dá a medida da grandeza do seu poder, a enganadora ilusão da sua omnipotência.

Escolher um da abundante récua dos cavalos e nomeá-lo cônsul, é um acto humano consciente, não é um acto de loucura.

E é fácil!

Difícil, nestes tempos, é dispor do poder de Calígula.

«Revolução»

7-VII-32.

CARTA A UMA SENHORA DESCRENTE SOBRE UMA EXPOSIÇÃO DE PRATAS

MINHA Senhora

Quando há pouco visitei a exposição de pratas do cinselador Augusto Luís de Sousa lembrei-me de si.

Timbro na valentia e abdico. Apraz-me jogar a vida e tudo num instante, e, ante esta saùdade funda de a não ver, sucumbo.

Quando há pouco visitei a exposição de pratas dos delicados artistas, dos grandes artistas portugueses que são os filhos do cinselador Augusto Luís de Sousa, tão forte, tão intensa era em mim a recordação da sua presença, que, à firme resolução de a esquecer, se sôbrepoz

esta saùdade tão grande, uma tão funda amargura, que nem lho sei dizer.

São as salvas de prata batida, ornadas de parras e cachos de uvas; outra com sua cercadura de azeitonas e folhas de oliveira, que me fazem lembrar a paz calma e o conchego dôce do lar, quando, por um inverno frio, a chuva bate implacável, sob um vento rijo, os vidros das janelas; e as tardes cálidas, sufocantes de Junho e o vinho fresco brilhando nos copos, como sangue quente, vivo, e pelas janelas abertas chega de longe, dos campos distantes, o rumôr em surdina dos ralos...

E aquela portuguesa salva, que não sei porque extranha fantasia me fez antever uma pequena sala D. João V, uma mesa redonda, ao centro, e sôbre um pedaço de damasco granada o tom rico do seu doirado, e as cruzes portuguesas de Aviz e de Cristo, destacando nas côres garridas dos seus esmaltes...

E, depois, os pequenos objectos muito lindos,

tocados por êsse pequeno nada, que é tudo, do gôsto e da distinção: pequenas caixas de prata para cremes; caixas de pós de arroz em prata doirada, com umas pequenas miniaturas de mulheres minhotas e leiriôas nos seus trajes regionais; escôvas e espelhos, que esperam um toucador e a carícia de um olhar e de um afago de mãos femininas.

E sempre durante aquela meia hora de prazer pelo que via, de tortura pelo que evocava, esteve presente na minha memória a sua figurinha graciosa e gentil, e meus olhos absortos viam espelhar-se nas pratas êsses seus olhos negros de tão vivo e travesso e meigo olhar.

E quando consegui arrancar-me da abstracção e do alheamento em que me deixara o recordá-la, e me dispuz a sair, — nem sei se pesaroso, se contente — à esquerda, sôbre uma mesa, num relógio de pau santo com aplicações de prata, uma figura do Tempo, sua espessa bigodeira, parecia olhar-me irónica.

Tem êsse relógio a divisa:

— «Tempore fugace.»

O tempo fugaz corre, passa, escôa-se apressado . . .

E, longe de si, é longo para a dôr da minha saùdade o tempo que se vai passando, e sofro porque V. não distingue o galanteio banal dêste meu amor por si, que me domina e me tortura.

E que me leva a pedir-lhe, abdicando da firme resolução tomada de não mais lhe escrever, que visite esta exposição de pratas.

Já que V. descrê da sinceridade do meu afecto por si, verifique, ao menos, a verdade das minhas palavras sôbre o balbuceio de ressurgimento nacional, em que tanto lhe falei, ao sentir-se vibrar ante a salva, que as naus decoram, e uma outra com golfinhos e búsios e espuma de ondas . . .

Despeço-me de um dos expositores, Angélico de Sousa, lanço ainda um olhar, e reparo: —

Sôbre uma cómoda antiga, um calendário em ébano e prata, os dias impressos em folhas de marfim, e uma divisa também: — «Um dia feliz».

Não deixe de visitar a exposição.

Peço-lhe porque lhe quero muito, e porque êsse dia será para si — um dia feliz.

*A Voz»

SOBRE A SELECÇÃO EM PORTUGAL

HA sôbre a terra uma minguada nesga, faixa estreita de terra à margem da Europa, que os naturalistas não consideraram, certamente, ao enunciar as suas doutrinas sôbre a selecção. Em Portugal a selecção, a escolha faz-se ao invés do que as doutrinas rezam; passa-se em Portugal, entre os homens, o contrário do que sucede entre as outras espécies, e com os homens de outros países:

Não triunfa o mais forte, não vence o mais apto, não se escolhe o melhor.

Fôrça, competência, merecimento são atributos negativos em Portugal. Não conduzem ao êxito, preparam a derrota.

Revelar as vantagens que, nas outras terras,

são a pedra de toque, a condição essencial para o êxito e para a vitória, significa em Portugal, para quem as patenteia, condenar-se à malquerença, ao ódio, à inveja, à desconfiança, isto é:

— ao desastre.

Ao contrário do que se passa nos outros povos, e nas outras espécies, em que a natureza concede a vitória ao mais apto ou ao mais forte, em Portugal vence o inepto, domina o impotente.

Nas artes, nas letras, na política, no mundo dos negócios, é assim.

Macedo Papança, depois Conde de Monsaraz, deveu a sua ascendência na sociedade do seu tempo, não aos seus admiráveis poemas, ignorados de muitos, hoje esquecidos por quási todos, mas a um acidental acréscimo de fortuna; Guerra Junqueiro também pelos bens herdados de um sogro alcançou o triunfo; Gomes Leal pobre foi despresado e cuspido . . .

Quando João Franco — (para citar um exemplo recente) — se decidiu a enfrentar a sério e com desinterêsse a política da sua terra e do seu tempo, levantou contra si a aversão e os ódios apaixonados de todos; El-Rei D. Carlos, na hora em que se resolveu empregar de uma maneira menos fútil as suas brilhantes qualidades, votou-se à morte.

E êstes casos como tantos, que há muito é assim em Portugal.

Ocupa-se um lugar, anuncia-se um nome, e a gente pregunta:

- Quem é?, o que fez?, donde vem?

Em Portugal, êsses nomes que andam por ai apregoados pela fama, e que presidem a esta decadência, surgiram de uma maneira imprevista. Como sucede pelas tardes quentes de verão com as moscas, que nos caem de surpresa nos pratos de sopa fumegantes.

«A Voz»

20-III-29.

A CADEIRA
DO PODER

HA diferenças: César dignificou a cadeira do poder com a glória do seu nome. Era a organização da Espanha, era a Gália submetida e anexada...

Os lugares, por si, não honram, porque há diferenças: César alcançou o poder por direito de conquista, vencendo; ascendeste ao poder acomodando-te, transigindo, rastejando...

Não te confundas: As multidões aclamaram César, e os seus biógrafos fazem remontar a sua ascendência aos deuses imortais; festejam-te os ambiciosos, lisongeiam-te os hipócritas, ninguém te aclama, e ninguém te odeia.

César teve um culto: sacerdotes invocando os seus manes com a pompa propícia das litur-

gias, e pela distância dos séculos o seu nome ficou como símbolo do poder legítimo. Apelidava-se César o Imperador das Rússias e o da Alemanha, apelida-se César o rei dos bulgaros. César dominou; tu serás escravo de interêsses e ambições dos outros.

César, presidindo ao Senado, vestia o manto de púrpura dos triunfadores; tu, ao ocupar uma cadeira de ministro, vestes fraque, quando não vais de jaquetão.

E, a César, a inveja e o ódio, retorno do seu génio e da sua clemência magnânima, conjuraram-se na sombra e assassinaram-no covardemente.

Não te confundas, socega:

— Ninguém te fará mal!

[«]Revolução»

⁹⁻VII-32.

FOI um gesto nobre o do govêrno, e tão raros são nestes tempos de apagado aviltamento, que é grato registá-lo.

Conheci D. Manuel II, que a fatalidade fez rei, ainda infante; conheci também pessoalmente o príncipe real D. Luís Filipe, que era da minha idade. E admirava-o.

Mas, levado na onda de revolta do meu tempo, alistei-me nas hostes republicanas.

Nascido e criado numa «monarquia sem monárquicos», a cegueira de amor à minha Pátria levou-me a odiar o trono.

Mas, no meu quarto de estudante, em Celas, sôbre Coimbra, chorei em segrêdo — não o soubessem os outros! — o príncipe D. Luís,

tão nobre, tão lhano, tão galhardo, e que era da minha idade.

Quando D. Manuel subiu ao trono, senti-me aliviado.

Não era o outro.

E mal julguei, depois, D. Manuel. Não o conhecia bem. Três anos de idade são uma diferença muito grande, quando se é criança.

No exílio, longe dêste meio deletério, D. Manuel começou de revelar-se um português diferente de outros exilados, monárquicos e republicanos. Sentinela vigilante do nosso património, barreira à intervenção armada da Espanha, que esteve iminente, serviu sempre a sua Pátria com abnegação, com desinterêsse.

Nunca profere um agravo, não revela um ressentimento. E assassinaram-lhe o pai e um irmão, e insultaram-lhe a mãe . . .

A sua vida breve, modelar, é um exemplo raro de patriotismo. Indiferente ao trono, saùdoso de nostalgia, serve desinteressadamente Portugal.

Intérprete do sentir da Nação, praticou o govêrno um acto nobre, ordenando que, com as devidas honras, venham para terra portuguesa os restos mortais de quem com tanto amor a serviu e com tanta generosidade a amou.

Foi um gesto nobre do govêrno, e é um acto de justiça.

Republicanos! Ante o seu corpo curvemo-nos:

— Portugal perdeu um grande servidor.

Portugueses! A nobreza prova-se. Ele era de verdade um descendente de Nun'Alvares, um neto de D. João I.

⁽Entregue na «Revolução», cortado pela Comissão de Censura à Imprensa em 11-VII-32).

NA sua sabedoria feita da experiência dos séculos, o nosso povo aconselha: — «Em Roma, sê romano».

E aqueles que não se adaptam ao seu meio, seguindo a regra do sábio conselho, travam o duro combate, que raro lhes aproveita, de um contra todos.

São os inovadores, os originais, os inadaptados, que o meio afasta, repele ou elimina.

Eles são os de amanhã, e a vida é hoje; êles são os de mais além, e a vida tem êste limitado horisonte — só aqui.

Os que alcançam mais longe que o seu tempo, aqueles que um escrupulo detem hesitantes acima da fácil moral comum, expõem-se ao

escárneo dos cínicos e dos canalhas, votam-se à malquerença odienta dos adaptícios. Condenam-se às decepções, aos contratempos, à tristesa melancólica das derrotas.

E a vida é alegria, êxito, vitória.

Aquela parte material da vida porque o vulgo avalia o êxito é um acto de comércio, subordinado a um inflexível Deve a Haver, e a que põe têrmo uma falência, sem concordata possível — a morte.

Viver é lucrar, e êles os inovadores, os inadaptados são a renúncia.

Mas, sôbre os seus túmulos, em vez de se erguerem hieráticas as copas geométricas dos ciprestes, rescendem as sombras dos loureiros, e nos caboucos das suas sepulturas lança o futuro os fundamentos das estátuas.

Eles os inovadores, os inadaptados são os vencidos . . .

- Glória à derrota dos vencidos!

^{*}A Voz» 28-IX-31.

SEJA sempre a tua palavra um incitamento, e que a tua acção coadjuve todos os esforços, apoie tôdas as iniciativas, alente tôdas as esperanças.

Começemos: - Faze a tua parte!

As coisas não aparecem feitas, é preciso executá-las, e a propaganda pelo exemplo é a mais eficaz. Contagia, estimula: — os hesitantes decidem-se, afoitam-se os sempre receiosos da crítica e da opinião dos outros.

Comecemos: — Onde quer que brote um afloramento nacionalista esteja o teu apoio e o teu louvor.

Comecemos: — É mister, nesta última hora de uma decadência, evitar a derrocada.

Talvez amanhã seja tarde, comecemos hoje. Na concorrência do mundo, vencem aqueles povos que sabem opôr às incertezas da inconstante fortuna uma varonil confiança no seu destino.

Neste apagado presente, mantenhamos crepitante, sob o sôpro do culto do passado, viva como um brazido a esperança de amanhã, e na sua magia o tempo transformará essa esperança em realidade.

E nossos Filhos, como seus Avós, empunharão de novo a espada resplendente das vitórias.

«A Voz»

2-X-31.

SOBRE AS OLAIAS FLORIDAS

FLORESCEM as olaias . . .

Por estas ruas da cidade, aqui e além uns traços vermelhos, festivos, alegram o ar.

Todos os anos as olaias cobrem os seus troncos de flores vermelhas, de um rubro ardente, anunciando a primavera, que vai chegar, e que passa.

Florescem as olaias, como que sorrindo nos inúmeros lábios das suas multiplas flores à vida que desperta do letargo do inverno.

Todos os anos mensageiras da primavera, florescem as olaias. Breves dias suas flores de um vermelho quente são uma nota vibrante, garrida, no ar, e breves dias passados cáem dos troncos, atapetando o chão . . . Tudo sôbre a terra é efémero, tudo passa breve. E se nos anos da mocidade as ilusões nos sorriem alacres, e erguemos os altos sonhos de embaladoras esperanças, logo o rápido curso do tempo as dispersa, e fica-nos a amargura dos desenganos, sombreanda a aridez chã das decepções.

Tudo passa, tudo é efémero, mas tudo se renova.

Sôbre as decepções e os desânimos remoça sempre a tua vida, tornando-a mais bela.

Torna a tua vida mais bela, tornando-te melhor a ti!

«A Voz»

22-111-29

TERÇA-FEIRA SANTA
SOBRE A VIDA, E
SOBRE A MORTE

POR essas ruas florescem as olaias; por êsses campos, sob os beijos ardentes do sol, a vida desperta, após o sono do inverno: — a Igreja por tôda a cristandade celebra o martírio e a morte de Jesus.

Ante a vida da natureza, que irrompe anciosa por se perpetuar, a Igreja celebra essa estranha morte, que abre o caminho da vida eterna. Alegrias e dôres, decepções e esperanças, tudo segue a caminho da morte, como as águas que vão correndo para a voragem imensa do mar... A vida caminha cega para a morte, como as árvores, esquecidas da inexorável dureza dos invernos, florindo-se na garridice deslumbrante das côres.

CELEBRAM os templos de tôda a cristandade um facto banal: — a injusta condenação de um inocente.

Ontem, como hoje, a justiça humana muitas vezes errou, condenando por aparências, tantas vezes servindo rancôres de inconfessáveis ódios. Crente ou céptico, recolhe-te um instante em ti e medita no singular dessa morte, que transformou a face do mundo.

Não era um poderoso da terra, mas um simples, um humilde; filho de um operário nasceu numa abegoaria, e foi supliciado, entre dois criminosos vulgares, lá numa distante cidade nos confins do vasto Império Romano.

E a sua morte transformou a organização do mundo, modificou a constituição da família, criou novos sentimentos, uma outra afectividade...

E moveram-se numerosos exércitos, e derrubaram-se templos magníficos, e outros foram edificados, e uma nova civilização surgiu... Uma injustiça, como tantas; um suplício, como muitos...

Recolhe-te, e medita um instante:

— Há qualquer coisa de singular na morte de Jesus!

«A Voz»

QUINTA-FEIRA DE ENDOENÇAS O BEIJO DE JUDAS

TERMINARA a ceia . . .

S. João, apreensivo com as palavras, que Lhe ouvira, recostou-se numa dolência triste ao peito de Jesus, enquanto Judas concentrado meditava na traição.

Sempre na vida, quando o amor e a amisade, alcançam os máximos da dedicação, logo dissimulada sob um sorriso, ou sob um afago a traição espreita.

Parece que no mundo moral, como no mundo físico em que não há luz sem sombra, frutificam em mal as sementes do bem.

E na breve vida de Jesus, símbolo desta via dolorosa da nossa vida terrena, para uns caminho de perfeição, para todos penosa caminhada, mais que o martírio do Calvário me impressiona e punge a agonia moral daquela hora.

E meu fraco e pobre coração, longe da magnânima bondade divina, órfão do Além, sucumbe ante a soberana grandeza dêsse tão grande coração de Quem, tudo podendo, se resignou submisso sob a vilania infame de uma traição. E compreendo, porque o sinto, êsse gesto de desespêro de S. Pedro, fazendo a sua espada cintilar à luz dúbia dos archotes.

Sempre que uma grande dedicação, um grande ideal preenche uma vida, sempre que um grande amor se reclina sôbre um coração, logo um beijo de Judas conduz pelo caminho da traição ao martírio de um calvário.

Triste condição do mundo:

Não há luz sem sombra; têm o amargo travôr da ingratidão os frutos da árvore do bem.

«A Voz»

SABADO DE ALELUIA
A L E L U I A

E RA então garoto...

Iamos para a velha Igreja de S. Martinho, em

Sintra, e disputávamos as opas vermelhas e as
campainhas de um som claro, alegre — direi,
infantil.

Recordo: Oiço o som vibrar nítido, e lembra-me o suave perfume da frescura das manhãs.

— Aleluia! Aleluia! Era então garoto . . .

SENHOR!, quando surgirá para esta pobre Pátria, que tem sofrido o martírio de todos os calvários, a hora da ressurreição?

Somos netos daqueles que venceram em Ourique, sob a protecção da vossa Cruz; dos que

lavraram o Oceano desconhecido, levando nas velas ovantes, infladas ao sôpro inclemente dos ventos, a vossa Cruz, flutuando sôbre a imensidade das águas!...

Somos descendentes daqueles que se bateram em Alcácer pela Fé, e de «vencer cançados» sofreram a desgraça da derrota, padeceram as amarguras do cativeiro!...

Quando, Senhor!, para êste pobre rebanho, que de longe, da distante lonjura dos tempos, vem sofrendo as durezas das provações nestes ínvios caminhos, onde o conduziram pastores sem Fé e sem consciência, surgirá o dia da ressurreição?

LELUIA! Aleluia!...

Recordo anos distantes da minha infância, e na nave do Templo, ampla, o som claro das campainhas vibrando alacre na frescura da manhã...

«A Voz»

A DESCENDENCIA
DE PILATOS

MAL suporia êsse céptico mediocre, que da sua esterilidade infecunda, resultava uma prolífera, numerosa descendência...

Ante a manifesta e provada inocência de Jesus, acusado pelo retorno da sua divina bondade, que um momento se condensou nos ódios dos acusadores, êsse céptico covarde, que poderia ter usado do seu poder, impedindo a condenação de um Justo, abdicou. E, mascarando a derrota da sua fraqueza, lavou as mãos ante o povo.

E, certamente, sem um escrúpulo na consciência, sem que a sombra de um remorso lhe atormentasse o sono, depois, consumado o tremendo crime que ainda hoje, — vinte séculos

decorridos! — nos confrange e nos comove, nas horas de ócio, na Roma imperial, ao longo da Via Apia, discreteando em fácil cavaqueira com elegantes amigos, deve ter contado, sublinhando as palavras com desdenhoso sorriso, do silêncio em que se quedara o Profeta Nazareno, quando lhe perguntou:

_ E que é a Verdade?

Vinte séculos passados, ainda em tôdas as horas de transformação, surgem os netos dêsse cínico estéril, os representantes da sua descendência moral, fazendo com a superioridade impertinente dos mediocres uma semelhante pregunta:

- E que é a Pátria?

O supliciado de há vinte séculos, o cuspido, o açoitado, que a populaça escarneceu, hoje é crido e adorado por mais de um terço da humanidade; e a cruz do seu suplício, pedestal da sua glória, é símbolo de paz e de amor entre os homens!

Tudo sôbre a terra é efémero, quando não un-

gido por qualquer coisa de desinterêsse, de abnegação, de sacrificio . . .

_ E que é a Pátria?

Como um rio, que corre a caminho dessa voragem do mar, todos vamos a caminho da morte...

E o rio sempre segue no seu leito, e as gotas das suas águas cada uma tem seu destino diferente, umas roçando as areias das margens, outras batendo nos escolhos do fundo, e tôdas vão a caminho do mar.

A Pátria é como um rio: — em cada instante morrem uns, outros nascem; as águas que em cada momento passam num ponto, não tornam, e seguem . . .

E o rio é sempre o mesmo, seguindo o seu leito, e suas águas, como cada um de nós, seguindo o seu destino, vão cintilando ao sol, outras roçando as asperezas dos fundos, outras embebendo-se nas lamas sujas das margens. . .

E tôdas seguem o mesmo leito, águas do mesmo

rio, cantando batidas em espumas, ora gemendo plangentes, caminho do mar...

Português!, não escutes as preguntas cépticas dos netos de Pilatos. Ouvidos moucos às dúvidas irónicas dos cínicos, escuta os rumores, que em teu coração ecoam da Grei, há oito séculos, nesta mesma terra de Portugal sofrendo e amando, rosto erguido aos céus sôbre os mares inclementes, dorso vergado sôbre a terra nas lavras fundas pelos invernos duros, dizendo das suas dôres, cantando as suas alegrias, na linguagem, que falas, e teu filho balbucia.

Não atendas, não escutes as palauras dos netos de Pilatos!...

Ama a tua Pátria; preza a tua Raça; honra a tua Pátria; e defende a tua Pátria até à morte!

«A Voz»

FIM

LAVS DEO



TERMINOU ÉSTE LIVRO DE SE IMPRIMIR AOS CATORZE DIAS DO MÉS DE SETEMBRO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E TRINTA E QUATRO, NAS OFICINAS GRÁFICAS DA RUA DAS GÁVEAS, 103, NA CIDADE DE LISBOA.

